



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O EROTISMO NO DESERTO DE KALAHARI: UMA LEITURA DAS DUNAS DE PAULA TAVARES

Canniggia de Carvalho Gomes

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, canniggiadecarvalho@hotmail.com

Este trabalho propõe-se a analisar o erotismo presente nos poemas “*Mantém a tua mão*” e “*Deixe a mão pousada na duna*”, da angolana Ana Paula Tavares, ambos inseridos no livro *Manual para amantes desesperados*, de 2007. Os poemas trazem, a partir da imagem das dunas do Kalahari, um retrato que aponta para o erotismo feminino refigurando o corpo da mulher nas imagens áridas dos desertos. Nas obras, as dunas ora representam os aspectos físicos da mulher ora os possíveis caminhos para o prazer desta, como um guia, um manual, uma leitura que retoma o erotismo feminino como terreno arenoso, um labirinto movente, permeado pela falta que perfaz o desejo, o devir do gozo feminino. Observa-se na poesia de Paula Tavares uma escrita transgressora que vai de encontro com os preceitos e preconceitos patriarcais pelo fato desta trazer a exposição do corpo da mulher através da literatura, uma vez que reconhece as podas morais e sociais que toda mulher é instigada e educada a aceitar. Essas amarras vetam à mulher o direito de se tornar sujeito de si e dona de seu corpo, pois a ela foi designado os afazeres domésticos e a aprendizagem de viver para servir. Pretende-se aqui uma discussão de gênero em sintonia com o suporte teórico de *O riso da Medusa*, de Hélène Cixous (1976), de *O corpo erotizado*, de Elódia Xavier (2007), de *O erotismo* (1987), de Georges Bataille, e de *Pode o subalterno falar?* (2010), de G. Spivak.

Palavras-chave: Paula Tavares; Erotismo; Gênero; Poesia; Feminino.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Começar, assim, não por um continente, por um país ou por uma casa, mas
pela geografia mais próxima – o corpo.

Adrienne Rich

Há tempos as mulheres são caladas pelas mordanças do patriarcalismo, postas ao canto, impedidas de expor suas vozes e seus pensamentos acerca do mundo em que vivem. São mulheres que não veem em si um sujeito pelo fato de terem sido nutridas de uma educação que as instigaram a calar diante dos ideais machistas que perduram até a sociedade atual.

Às mulheres é proibido o domínio sobre si e seus corpos sob a tentativa de anular o corpo feminino em todos os aspectos que não digam respeito à maternidade. Isso é confirmado pela lógica falocêntrica que confere todo o poder social ao homem, detentor dos topos das hierarquias sociais.

A partir deste sistema de podas e recusas, muitas escritoras começaram a mostrar os dilemas vividos pelas mulheres cotidianamente e a literatura foi se tornando um terreno propício ao nascimento dessas vozes tolhidas pelo gume do patriarcado. São textos marcados pela presença feminina, por discursos que surgem de todos os cantos do corpo das personagens que narram, em primeira pessoa, a história de suas vidas.

Hélène Cixous inicia o clássico *Le rire de la Méduse* (1975) trazendo uma percepção de escrita feminina. Segundo a autora, as mulheres devem escrever sobre si mesmas e fazer com que as mulheres escrevam, porque elas precisam se colocar no texto e, a partir deste, no mundo. Dessa forma, elas estariam perpetuando a si mesmas na história, pois uma vez que o passado fechou-lhes as portas do conhecimento, faz-se urgente o desvelo do trabalho feminino na literatura.

O futuro não pode mais ser determinado através do passado. Eu não nego que os seus efeitos ainda estão entre nós. Mas, eu recuso a fortalecê-los através da sua repetição, conferindo-lhes uma inamovibilidade equivalente ao destino, para confundir o biológico e o cultural (CIXOUS, 1976, p. 875, tradução livre).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Pois, existe na escrita feminina uma necessidade de gerar uma tradição feminina e um discurso específico que marque conscientemente o feminino na escrita das mulheres. Este conceito inverte a tradição para poder criar uma cultura literária alternativa à escrita homológica e patriarcal (MACEDO; AMARAL, 2005, p. 51).

É uma escrita do avesso porque o ato de inserção das mulheres nas letras constitui-se como uma subversão à hierarquia pregada nos terrenos sociais, uma vez que à mulher estava restringida a exposição dos pensamentos e posicionamentos através do alfabeto.

O ponto fulcral dessa escrita configura a relação que a mulher tem com o mundo e, conseqüentemente, com a forma de senti-lo e de se posicionar perante a linguagem, a cultura e o poder dominantes, revelando a situação feminina diante dos preconceitos produzidos pela hierarquia de gênero vigente.

Para as mulheres negras essa situação é posta com maior intensidade, uma vez que, além do gênero, outras especificidades são postas em cheque, como a cor da pele, por exemplo. Assim, são criadas as hierarquias que inferiorizam um povo e sua cultura em detrimento de outro que se sobressai. Nesse contexto, a mulher é tida como colônia. Citando Du Plessis, Bonnici explica que:

Há estreita relação entre os estudos pós-coloniais e o feminismo. Em primeiro lugar, há uma analogia entre patriarcalismo/feminismo e metrópole/colônia ou colonizador/colonizado. “Uma mulher da colônia é uma metáfora da mulher como colônia” (DU PLESSIS, 1985, p. 46). Em segundo lugar, se o homem foi colonizado, a mulher, nas sociedades pós-coloniais, foi duplamente colonizada. (BONNICI, 2009, p. 266)

É fato que as mulheres negras sofrem duplamente as amarras desse pensamento, mas, apesar de todo o contexto social que recai sobre a liberdade de expressão feminina, essa voz vem crescendo e essa presença tem conseguido espaço na literatura. Uma das mulheres que seguem se enveredando nos caminhos literários é Paula Tavares.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Poetisa e historiadora, nascida em Huíla, Sul de Angola, em 1952, Paula Tavares vem tecendo, desde 1985, seus caminhos na poesia, desvelando o corpo feminino em versos que tratam da natureza da mulher em seu íntimo e escrevendo poéticas de um erotismo instigante. Tem uma obra extensa dividida entre poesia, prosa e estudos sobre a história de Angola, além de estar presente em diversas antologias em Portugal, Brasil, França, Alemanha, Espanha e Suécia. Dentre os livros da poetisa está *Manual para amantes desesperados*, de 2007, obra da qual foram retirados os poemas que serão analisados neste trabalho.

Esta é a quinta obra da poetisa que, composta de vinte poemas, traz já na epígrafe o prenúncio do teor de seus versos. Logo nas páginas iniciais que abrem a obra, encontramos o texto do David Mestre que diz: “Estende o corpo sobre a duna / e deixa / que as penínsulas se inundem do vinho / que esmaguei / montanhas memória”. A imagem da duna é recorrente na obra e está presente nas poesias que aqui serão trabalhadas: *Mantém a tua mão* e *Deixe a mão pousada na duna*.

Nas obras, as dunas ora representam os traços da mulher ora os caminhos para o prazer desta, apontando para este terreno movente permeado pela falta que perfaz o desejo, o devir do ser no gozo feminino. Lemos, então, no primeiro poema.

Mantém a tua mão
No rigor das dunas
Andar no arame
Não é próprio de desertos

Cruza sobre mim
As pontas do vento
E orienta-as a sul
Pelo sol

Mantém a tua mão
perpendicular às dunas
E encontra o equilíbrio
No corredor do vento



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A nossa conversa percorrerá oásis
Os lábios a sede
Quando saíres
Deixa encostadas
As portas do Kalahari.

O poema acima traz a duna como uma imagem possível ao corpo da mulher, mas também o devir do gozo desta.

Já nos dois primeiros versos, o eu lírico explica como realizar o toque na duna que, neste momento, reflete o corpo feminino, e termina: “Andar no arame / Não é próprio de desertos”, como se sinalizasse para o desvario que é lidar com essa grande sede. Andar no arame requer calma e concentração, mas alcançar este corpo arenoso, movediço, precisa-se de menos cuidado, pois o encontro, dentro de uma relação erótica, produz o contrário da calma.

Esta percepção é confirmada na segunda estrofe, quando lemos “Cruza sobre mim / As pontas do vento / E orienta-as a sul / Pelo Sol”. Se o vento é indomável, mais é o corpo feminino que tem sobre si, em efusão, todas as pontas do ar e canalizando todas em uma única direção.

Contudo, na estrofe seguinte, a mulher do poema nos diz que o equilíbrio será encontrado justamente no corredor do vento, pois, a proporção de correntes de ar canalizadas em um corredor é exatamente o que perfaz o gozo feminino.

A poetisa finaliza o poema pedindo para que se deixem abertas as portas do Kalahari, deserto localizado no sul da África, que traz em seu nome um significado bastante condizente com a poética de Paula Tavares, pois, derivada da palavra *Kgalagadi*, significa “a grande sede”. Em outras palavras, deixar as portas do Kalahari abertas significa dizer que o desejo e o gozo feminino não podem cessar, pelo contrário, precisam exercer fluxo constante.

Para Chevalier e Gheerbrant, no *Dicionário de símbolos*, a areia é:

Fácil de ser penetrada e plástica e [...] abraça as formas que a ela se moldam; sob esse aspecto, é um símbolo de matriz, de útero. O prazer que se experimenta ao andar na areia, deitar sobre ela, afundar-se em sua massa



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

fofa [...] relaciona-se inconscientemente ao *regressus ad uterum* dos psicanalistas (CHEVALIER; GHEERBRANT, p. 79, 1993, grifo dos autores).

Dessa forma, a duna é também metáfora para o erotismo feminino, uma vez que a sua formação arenosa é colocada na poesia de Paula Tavares como representação do devir do gozo da mulher. O corpo feminino erotizado tão presente na poesia é uma tônica do trabalho da poetisa.

Para Elódia Xavier, o corpo erotizado é aquele que “vive a sua sensualidade plenamente e que busca usufruir desse prazer, passando ao leitor, através de um discurso pleno de sensações, a vivência de uma experiência erótica” (2007, p. 157). Pois, o discurso tecido por Paula Tavares traduz a experimentação de uma relação erótica, na qual o corpo feminino e seu gozo são colocados como fio condutor de cada poesia.

A experimentação do erótico vem da concepção de que as mulheres devem ser donas de seus corpos e extraírem deles o prazer. Esse comportamento confronta os preceitos da dominação masculina, uma vez que este sistema induz as mulheres a anularem-se enquanto sujeitos de si e declinarem dos prazeres da carne. Experimentar o próprio corpo é romper o silêncio imposto aos corpos femininos e reivindicar o direito ao prazer (XAVIER, 2007, p. 155).

Usufruir do próprio corpo é também libertar-se das podas sociais canalizadas na conduta feminina, como bem constatou Angélica Soares, em *A paixão emancipatória*, em um texto sobre a literatura feminina brasileira: “A intensificação do investimento poético no erotismo pelas escritoras brasileiras parece-me ter muito a ver com [a] necessidade de ruptura dos paradigmas masculinos repressores” (SOARES, 1999, p. 57).

Essa conversa da mulher com o seu corpo, nos remete a uma passagem da poetisa Ana Cristina Cesar: “Mulher é por natureza histórica, quer dizer, ela é, por natureza, a que fala com o corpo. Se você reparar, toda mulher comunica com o corpo” (CESAR, 1999, p. 272). Assim dizendo, a escritora leva para a literatura que produz as suas experiências a partir de seu corpo, como podemos ver no próximo poema analisado.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Deixa a mão pousada na duna
Enquanto dura a tempestade de areia

A sede colherá o mel do corpo
Renascemos tranquilos
De cada morte dos corpos
Eu em ti
Tu em mim
O deserto à volta

Encontramos novamente, logo nos primeiros versos, a imagem da areia, porém, desta vez, tem um significado mais abrangente e torna-se reflexo também da própria relação sexual. Contudo, essa relação não é somente reprodutiva se analisarmos, por completo, a primeira estrofe.

Novamente, a leitura da poesia nos leva à imagem da mulher tentando alcançar o prazer pleno, instigando o outro a perfazer esse desejo. Ela indica: “Deixa a mão pousada na duna” para manter a relação acesa e, no verso seguinte, acrescenta: “Enquanto dura a tempestade de areia”, que simboliza o ato sexual. O fato de a tentativa de alcançar o gozo do corpo vir à tona na poesia, a ideia da experimentação erótica deve ser considerada.

O erotismo, segundo Bataille (1987, p. 10), é uma experiência que se diferencia da experimentada no sexo natural por não visar à reprodução, mas, sim, à procura psicológica do outro, independente do fim natural. A atividade sexual é comum ao homem e aos animais sexuados, porém, só o homem é capaz de tornar a atividade sexual uma atividade erótica, uma vez que é um ser sensível ao desejo que o faz buscar o outro para alcançar o prazer. O indivíduo procura o seu objeto de desejo através do olhar, “por fora”, porém, esse objeto externo relaciona-se com a experiência interior de cada indivíduo, ou seja, com a individualidade do desejo de cada um.

Seja como for, se o erotismo é a atividade sexual do homem, isso ocorre na medida em que ela difere da dos animais. A atividade sexual dos homens



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

não é necessariamente erótica. Ela só o é quando deixa de ser rudimentar simplesmente animal (BATAILLE, 1987, p. 54).

Em outras palavras, a experiência do erótico recai sobre o ato sexual quando a busca pelo desejo transcende a capacidade natural e reprodutiva do sexo, como colocado no poema de Paula Tavares.

No decorrer da leitura, encontramos os seguintes versos: “A sede colherá o mel do corpo / Renascemos tranquilos / De cada morte dos corpos”. A sede é o desejo do corpo que anseia pelo gozo pleno, o mel, por sua vez, é a consequência disto, é o prazer alcançado. Desta relação, todos renascem refeitos, pois, como colocado no poema, o corpo morre a cada gozo para uma nova vida.

É necessário entender também que a experiência erótica está relacionada com a emancipação feminina dentro de uma conduta transgressora e a escrita de Paula Tavares se encontra neste processo, uma vez que o cerne das questões que perpassam seus versos estão intimamente ligados ao corpo feminino. A mulher é o outro, o excluído que, ao penetrar o campo da literatura, rompe o padrão estático da lógica patriarcal e subverte escrevendo sobre e a partir do seu corpo. A experiência da mulher e o erótico na literatura é uma transgressão das hierarquias falocêntricas.

Assim, a poesia de Paula Tavares reconstrói o corpo feminino frente a uma sociedade de mordanças e negações que, há tempos, recusam a concepção de um sujeito mulher. É nas imagens trazidas nos versos que a poetisa desvela o corpo subalterno e o faz falar numa poética erótica que subverte a ordem patriarcal dentro da sociedade.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

REFERÊNCIAS:

AMARAL, Ana Luísa; MACEDO, Ana Gabriela (orgs). *Dicionário da crítica feminista*. Porto: Afrontamentos, 2005.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica pós-colonialista*. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). *Teoria Literária: Abordagens teóricas e tendências contemporâneas*. 3º Ed. Maringá: Eduem, 2009.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 7ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

CIXIOUS, Hélène. *The laugh of the Medusa*. Disponível em: <<http://www.dwrl.utexas.edu/~davis/crs/e321/Cixous-Laugh.pdf>>. Acesso em 10 de novembro, de 2014.

SOARES, Angélica. *A paixão emancipatória*. Rio de Janeiro:DIFFEL, 1999.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.

TAVARES, Paula. *Amargo como os frutos*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.